

O Diálogo entre Silvio Romero e Manoel Bomfim sobre a formação da nação brasileira: Abordagem Interdisciplinar Antirracista

The Dialogue between Silvio Romero and Manoel Bomfim on the formation of the Brazilian nation: Interdisciplinary Approach Antiracist

Silná Maria Batinga Cardoso

Universidade Federal da Bahia
silnabatinga@hotmail.com

Bárbara Carine Soares Pinheiro

Universidade Federal da Bahia
soarespinheirob@gmail.com

Isabela Santos Correia Rosa

Universidade Federal da Bahia
isa_biocorreia@hotmail.com

Resumo

Como uma oportunidade de inserir as questões étnico-raciais nas aulas de Ciências, efetivando a lei 10.639/03, esse trabalho propõe uma abordagem pedagógica interdisciplinar e antirracista a partir da divergência entre dois autores sergipanos - Silvio Romero e Manoel Bomfim, sobre o “atraso” do progresso brasileiro no século XIX, de forma a problematizar o conceito biológico e social de raça a partir do estudo da melanina. Silvio Romero concorda com as teorias raciais que propunham a imigração europeia como projeto de progresso, visando o branqueamento da população latino-americana enquanto Manoel Bomfim, era convicto de que o problema era devido à forma como a sociedade se estruturou por causa da colonização e escravidão. Com essa abordagem é possível buscar reflexões sobre as condições sociais da população negra e suas raízes históricas no Brasil numa discussão que entremeia Química, Biologia, História e Literatura, possibilitando a formação de jovens críticos, que compreendam a presença de marcas de séculos de colonização.

Palavras chave: miscigenação, colonização, melanina, raça, interdisciplinar, antirracista.

Abstract

As an opportunity to insert ethnic-racial issues in science classes, enforcing Law 10.639 / 03, this work proposes an interdisciplinary and antiracist pedagogical approach based on the divergence between two Sergipe authors - Silvio Romero and Manoel Bomfim, on the “backwardness” of Brazilian progress in the nineteenth century, in order to problematize the

biological and social concept of race from the study of melanin. Silvio Romero agrees with the racial theories that proposed European immigration as a project of progress aimed at laundering the Latin American population while Manoel Bomfim was convinced that the problem was due to the way society was structured because of the colonization and slavery. With this approach it is possible to seek reflections on the social conditions of the black population and its historical roots in Brazil in a discussion that intersects Chemistry, Biology, History and Literature, enabling the formation of young critics, who understand the presence of marks of centuries of colonization.

Key words: miscegenation, colonization, melanin, race, interdisciplinary, antiracist.

O panorama histórico

Entre 1870 e nos primeiros anos do século XX, o Brasil passou por um período de intensas transformações políticas, econômicas e sociais, nem mesmo a Independência, em 1822, havia acarretado em transformações tão significativas. Os intelectuais de 1870, que estavam preocupados com a questão nacional, buscavam elaborar projetos que pudessem efetivar mudanças no Brasil. Para tanto, foi preciso enfrentar a questão da escravatura e da monarquia, que estava vinculada ao sistema de produção do país, impedindo seu progresso. Em 1871, a Lei do Ventre Livre – que estabeleceu a liberdade aos negros que nascessem a partir de então, significou um golpe contra o regime monárquico, fazendo com que alguns intelectuais que defendiam este regime se colocassem contra o processo abolicionista (PAIVA, 2009).

Durante a crise da ordem escravocrata, a questão racial no Brasil era a tese que vigorava nas análises sobre os problemas nacionais. Os problemas enfrentados pelo Brasil não eram vistos como produtos das relações desiguais engendradas pelo regime escravocrata, mas como advindos da suposta harmonia entre as raças, substanciada pelo processo de miscigenação (PAIVA, 2009, p. 48).

Com o processo de abolição da escravatura, opera-se uma reorganização dos princípios que regem a nação brasileira, pois com o negro compondo o quadro social do país, a questão racial passa a fazer parte das discussões nacionais. Em 1889, quando foi proclamada a República, torna-se urgente superar o atraso social brasileiro reconhecido pelos intelectuais da época, visto que nossa sociedade sempre foi medida com régua ocidental, mas sem os privilégios dela.

Os abolicionistas e republicanos foram fortemente influenciados por um conjunto de novas ideias, extremamente críticas ao passado brasileiro, quanto à qualidade da população. Dessa forma, a fim de operar uma atualização histórica da sociedade brasileira, os intelectuais influenciados pelas ideias europeias passaram a dar status científico ao racismo e obscurecer os desejos de cidadania dos ex-escravos, pois no século XIX, sob aparato da ciência, a raça recebeu critérios biológicos e morfológicos (SCHNEIDER, 2011).

No final do século XIX, muitos intelectuais no Brasil, perguntavam-se como o país poderia alcançar o progresso e a civilização com a população que dispunha e, muitos apostaram na teoria do branqueamento, não apenas do ponto de vista étnico, mas também cultural, através da ocidentalização do modo de vida e da organização social e econômica (SCHNEIDER, 2011; FERNANDES, 2012). E, negligenciavam o processo de colonização e escravidão como causa do atraso do progresso nacional (PAIVA, 2009).

No decorrer do trabalho, procuraremos apresentar a maneira como Sílvio Romero e Manoel Bomfim se posicionaram frente a esse debate, no que diz respeito ao atraso do progresso

nacional devido à formação da nação brasileira e, a partir das divergências dos pensamentos dos autores, apresentamos uma abordagem interdisciplinar para descolonização dos currículos de Biologia e Química a partir do estudo da melanina, a fim de operacionalizar a Lei 10.639/03 para a ressignificação da história e cultura afro-brasileira e africana.

Defendemos a abordagem do ensino de Ciências como uma atividade humana, sócio histórica e cultural, utilizada para interpretar a realidade e favorecer a (des)construção de ideias enraizadas no imaginário da sociedade brasileira, podendo contribuir para a educação das relações étnico-raciais. Nesse sentido, apresentamos um pouco da História do Brasil ao final do séc. XIX e início do séc. XX, a partir das ideias de dois autores brasileiros, nordestinos e sergipanos sobre a formação da população brasileira com as suas diferenças coloniais, raciais e sociais. E, como essas diferenças estão relacionadas com a cor da pele.

Os posicionamentos de intelectuais sergipanos sobre a formação da nação

Nesse tópico, destacamos dois autores sergipanos na virada do século XX: Silvio Romero (1851-1914) e Manoel Bomfim (1868-1932). Silvio Romero, de origem tradicional da cidade de Lagarto (SE) é fruto de uma família que sofria o declínio econômico, mas o direcionou a Faculdade de Direito em Recife, destinada a compor a elite política nordestina (SCHNEIDER, 2011). O intelectual escreveu uma obra complexa, contraditória e profundamente interessada em compreender o Brasil, denominada “A História da Literatura Brasileira” (1888), sua obra mais importante.

Sílvio Romero considerava que somos racialmente inferiores por sermos mestiços, segundo ele “todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas ideias” (ROMERO, 1943 *apud* SOUZA, 2004). Mas, o intelectual defendia que a mestiçagem abriria caminho para a preponderância futura do homem branco, uma vez que progressivamente, ocorreria um branqueamento do povo, pois os genes para a raça negra seriam com o tempo inibidos, deixando de se manifestar (SOUZA, 2004; SCHNEIDER, 2011).

Romero interpretou a mestiçagem como um traço essencial na formação da nacionalidade brasileira, pois ele considerava que essa miscigenação contribuiria para civilizar as “raças inferiores”. Nesse processo, os negros estariam destinados a desaparecer através da mestiçagem generalizada (SCHNEIDER, 2011). Para Romero, a miscigenação deveria se generalizar, dessa forma incentivou a imigração europeia, a fim de embranquecer étnica e culturalmente o país, tornando-nos mais civilizados, ocidentalizados.

Manoel José Bomfim nasceu na cidade de Aracaju (SE), sua família estabeleceu um comércio e tornou-se proprietária de engenho de açúcar. Essa família, de formação católica e emergente no setor agrário, zelava pelo status de proprietários de terra. Manoel Bomfim foi o único entre seus 13 irmãos que buscou o ensino superior, entrou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1886 e, por intermédio do republicano Alcindo Guanabara, teve conhecimento da obra de Frei Vicente de Salvador, História do Brasil (1627) (PAIVA, 2009), esta que critica a colonização portuguesa do período de 1500 a 1627 no Brasil.

Manoel Bomfim publicou seu livro “A América Latina: Males de Origem” em 1904, que contraria o pensamento dominante da época de que a América Latina era atrasada devido à miscigenação e de que estava fadada ao fracasso. Sendo assim, ele escreve na contramão do pensamento dominante da época, o qual Silvio Romero compartilhava.

Diferente de Silvio Romero, Manoel Bomfim tratou do atraso da nação recorrendo ao processo de colonização e não das ideias que tentavam dar conta dos problemas econômicos que giravam em torno da questão da inferioridade (biológica, intelectual, política e cultural) das raças não-

brancas. Bomfim afirma que o processo de exploração colonial pelas nações europeias, gerou grandes males para a sociedade (PAIVA, 2009). Para ele, a solução do problema do atraso estaria no rompimento dessas sociedades latino-americanas com o seu passado colonial e toda a sua herança, através da instrução popular, pois ele considerava que as ideias que defendiam a inferioridade das raças não-brancas faziam apropriação equivocada para justificar a exploração colonial (PAIVA, 2009).

Dessa forma, em sua concepção, o processo de colonização implantado na América Latina e, conseqüentemente no Brasil, favoreceu um regime de injustiças e privilégios, no qual se defendia os interesses de um grupo dominante. A escravidão se apresenta como elemento basilar dos males causados aos seres subalternizados historicamente. Portanto, Bomfim defende o papel fundamental da educação no desenvolvimento da nação.

Então, percebemos a divergência de pensamento entre os autores sergipanos sobre a formação da nação brasileira e o atraso social: Silvio Romero concorda com as teorias raciais que propunham a imigração europeia como projeto de progresso, visando o branqueamento da população latino-americana e Manoel Bomfim, era convicto de que o problema era devido à forma como a sociedade se estruturou por causa da colonização e escravidão.

Dessa forma, propomos uma abordagem interdisciplinar e antirracista, que busca contribuir para a compreensão da diferença racial, instituída socialmente pela diferença colonial. Para tanto, estabelecemos o diálogo entre os pensamentos dos autores de forma a problematizar o conceito biológico e social de raça partir do estudo da melanina.

Abordagem interdisciplinar antirracista a partir do estudo da melanina

Considerando a importância de valorizar o protagonismo do aluno no contexto do ensino de Ciências, esse trabalho discute uma abordagem pedagógica interdisciplinar sobre o posicionamento de autores sergipanos a respeito da formação da nação brasileira para o estudo da melanina, a partir de um tema transversal de cunho social “Raça e Preconceito Racial”, conforme orienta os Parâmetros e as Orientações Curriculares Nacionais. Dessa forma, retomando as ideias de Silvio Romero e Manoel Bomfim, o professor de Ciências tem a possibilidade de problematizar o conceito biológico e social de raça.

Silvio Romero, acreditava nas teorias científicas racistas que hierarquizavam as raças a partir de uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços físicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Por isso ele afirma que a miscigenação na formação histórica do país favorecia o branqueamento da população e, conseqüentemente, a nação teria progresso social. Já Manoel Bomfim foi contrário as ideias que defendiam a inferioridade das raças não-brancas, pois para ele, o “atraso” da nação brasileira não era de ordem racial, mas da forma como a sociedade se estruturou, devido a exploração colonial e a escravidão.

De fato, a ideia de raça tem um perfil sócio-histórico-cultural construído num contexto de colonização, através da dominação europeia, que arquitetou a representação social de superioridade (vantagem) pela branquidão da pele. Na contemporaneidade, o conceito de raça não tem base biológica, pois os marcadores genéticos de uma determinada raça podem ser encontrados em outras (SCHUCMAN, 2012). Segundo Munanga (2013), menos de 1% dos genes que constituem o patrimônio genético de um indivíduo são implicados na transmissão da cor da pele, dos olhos e cabelos, não sendo suficiente para classificá-los em raças. Todavia, embora a distinção entre raças não tenha fundamento biológico, isto não é suficiente para extinguir o que culturalmente foi construído ao longo de séculos, pois as raças fictícias estão no subconsciente coletivo (MUNANGA, 2013). Ao discutir que raça não tem fundamento

biólogo, Silva e Francisco Jr (2018, p. 84) afirmam que esse contexto “abre espaço para abordar uma visão externalista de ciência e a descontinuidade de teorias científicas”.

Vale a pena enfatizar que mesmo com a abolição da escravidão em 1888 e com a proclamação da República em 1889, os cidadãos negros não podiam votar e ser votados, conforme a Constituição de 1891 (DOMINGUES, 2005). Essa inexistência da igualdade política fez com que os negros continuassem em desvantagem frente aos brancos (DOMINGUES, 2005). Como consequência de um período marcado pela escravidão e desigualdade racial, até hoje, os afro-brasileiros têm salários mais baixos, subempregos, más condições de moradia, menos cuidados de saúde e educação, além de estarem mal representados nos parlamentos locais, regionais ou federais, ou entre juízes, professores e elites empresariais (VAN DIJK, 2015). Em suma, o Brasil não só é um país fundamentalmente desigual por classe social, mas também é caracterizado por uma generalizada desigualdade racial, desde a época da colônia e da escravidão até hoje, ou seja, a quantidade de melanina na pele determina maior ou menor aceitação e ascensão social.

Considerando o potencial da natureza técnica da melanina para promover a compreensão sobre a grandeza da negritude (BARNES, 2001; SILVA; FRANCISCO JR, 2018), analisamos a função biológica e constituição química que resulta em diferentes tons de pele, contribuindo para favorecer a desconstrução do preconceito racial instituído socialmente pela diferença colonial.

O termo “melanina” deriva do grego *melas*, que significa “preto”, é um pigmento responsável pela cor da pele, cabelos e pelos em geral. Podemos distinguir dois tipos de melanina: a eumelanina e a feomelanina. A eumelanina é um polímero marrom, alcalino e insolúvel e, a feomelanina é um pigmento alcalino, solúvel e amarelado. Dessa forma, Miel *et al.* (2009) afirma que a melanina total da pele resulta de uma mistura da feomelanina e eumelanina, e a proporção entre os dois determina a expressão fenotípica final da cor da pele (MIEL *et al.*, 2009).

A melanina tem a função de proteger nosso organismo contra o excesso de raios ultravioleta, quanto mais melanina, mais proteção. O pigmento é fabricado por células chamadas de melanócitos, presentes nas camadas profundas da epiderme, epitélio estratificado pavimentoso que reveste externamente o corpo. Juntamente com o tecido conjuntivo subjacente, chamado derme, a epiderme forma o maior órgão do corpo: a pele (LINHARES; GEWANDSZNAJDER, 2014). De todos os órgãos, nenhum outro é veículo de tanto preconceito e discriminação. A quantidade de melanina na pele já causou e vem causando grande sofrimento, pois como resultado de uma história marcada pelo preconceito racial, temos até os dias de hoje, manifestações sociais que expõem uma representação positiva do grupo branco e uma representação negativa dos negros.

Destacamos em uma única etapa, a formação de um dos monômeros que constituem a melanina (ácido 5,6-dihidroxi-indol-2-carboxílico), a partir do aminoácido tirosina, que é o elemento inicial do processo biossintético da melanina. Com a reação, exploramos os conceitos de polímeros, aminoácidos, classificação de cadeias carbônicas e, conseqüentemente a identificação das funções orgânicas presentes nas estruturas (Figura 1):

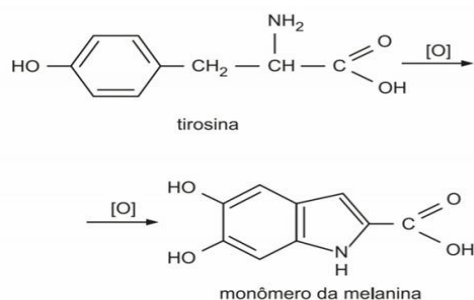


Figura 1: Reação de formação de um dos monômeros da melanina (Prova de Química da Vunesp, 2004)

A melanina é uma macromolécula obtida pela combinação de um número imenso de moléculas pequenas, denominadas monômeros (REIS, 2001). Um dos monômeros da melanina (Figura 1) apresenta em sua estrutura as seguintes funções orgânicas: ácido carboxílico, amina, álcool e hidrocarboneto. Monômero este formado através da reação de oxidação do aminoácido tirosina, que é produzido pelo nosso organismo e aparece em nossos genes (aminoácidos naturais). Embora os monômeros formadores da eumelanina e da feomelanina sejam conhecidos, a formação da melanina se dá por reações complexas de polimerização (MIEL *et al.*, 2009), todavia até o presente momento se desconhece a estrutura exata da melanina (BARNES, 2001).

Considerações Finais

Argumentamos que é primordial promover debates e discussões em sala de aula a partir das desigualdades étnico-raciais, pois esses diálogos podem contribuir com a formação de jovens críticos e conscientes da história do Brasil, dos danos da escravidão e das teorias racistas do séc. XIX, tendo em vista que essas relações de segregação do “ontem”, ainda “hoje” trazem prejuízo a nossa sociedade majoritariamente negra. Além de que pode despertar nos discentes a determinação e coragem para colaborar e lutar a favor da erradicação do preconceito racial, desde as atitudes antirracistas dentro do seu contexto social até as exigências de implantação e efetivação de políticas públicas para o combate ao racismo. Portanto, considerando os desafios de uma prática pedagógica antirracista por parte dos professores de Ciências devido, sobretudo, a falta de formação docente sobre as questões raciais, propomos essa abordagem interdisciplinar que abarca tanto conhecimentos científicos quanto sócio-históricos, para consolidar o diálogo com as questões étnico-raciais em aulas de Química e Biologia conforme as exigências da Lei 10.639/03.

Concluimos que a partir da contraposição das ideias de dois autores sergipanos - Silvio Romero e Manoel Bomfim - é possível suscitar uma discussão crítica sobre o “atraso” do progresso brasileiro no século XIX, de forma a problematizar o conceito biológico e social de raça a partir do estudo da melanina. Além disso, essa abordagem possibilita discussões atuais sobre as condições da população negra e suas raízes históricas no Brasil, envolvendo de maneira interdisciplinar a Química, a Biologia, a História e a Literatura.

Agradecimentos e apoios

A FAPESB e aos amigos que juntos lutamos por um país que exerça a democracia, respeitando a diversidade racial, valorizando a luta histórica do nosso povo pelo direito de existir sem a violência desse racismo institucional que existe em nosso país.

Referências

BARNES, Carol. *Melanin: the chemical key to black greatness*. v. 1. 5ª impressão. EUA: Lushena, 2001. Tradução disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/04/melanina-a-chave-quimica-para-a-grandeza-preta-carol-barnes/>, acesso em 10 de julho.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). *Diálogos Latinoamericanos*, v. 10, 2005.

FERNANDES, Paula. América Latina aos olhos de Manoel Bomfim: análise da obra “A América Latina: males de origem”. *Dimensões*, vol. 29, 2012, p. 100-118.

LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *Biologia hoje*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MIEL, Luciane; MIOT, Hélio; SILVA, Márcia; MARQUES, Mariângela. Fisiopatologia do Melasma. *Anais Brasileiros de Dermatologia*. vol. 84. nº 6. p. 623-635. Rio de Janeiro, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Palestra* proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais-PENESB-RJ, 2013.

PAIVA, Jeane. Um remédio para América Latina: notas sobre a educação no pensamento de Manuel Bomfim. *Revista Eletrônica Inter-Legere*. Literatura e Pós-Modernidade. n. 4, 2009. p. 47-56.

REIS, Martha. *Completamente Química: Química Orgânica*. Coleção Completamente Química, Ciências, Tecnologia e Sociedade. São Paulo: FyD, 2001.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. O Brasil de Sílvia Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX. *Viagens, Viajantes e Deslocamentos*. Projeto História, nº 42, 2011. p. 163-183.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo, 2012. 122p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

SILVA, Erasmo; FRANCISCO JR, Wilmo Ernesto. Arte na Educação Para as Relações Étnico-raciais. *Química Nova na Escola*, v. 40, nº 2, p. 79-88, 2018.

SOUZA, Ricardo Luiz de; Método, raça e identidade Método, raça e identidade nacional em nacional em Sílvia Romero. *Revista de História Regional*, 9 (1): 9-30, Verão, 2004.

VAN DIJK, Teun A. Critical discourse studies: A sociocognitive approach (new version). In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). *Methods of critical discourse analysis*. Third Edition. London: Sage, 2015. p. 63-85.